

As crianças: produtoras de conhecimento

Raissa Menezes de Oliveira

8º semestre da graduação em Antropologia pela Universidade de Brasília.

Palavras chave: criança, sociologia da infância, Norbert Elias, redes de configuração.

Key words: child, sociology of childhood, Norbert Elias, network configuration.

RESUMO: Este artigo dialoga as experiências de campo com o trabalho do sociólogo Norbert Elias. Dois aspectos da sua teoria são sugeridos para pensarmos as configurações da infância em nossa sociedade: a ideia de sujeito epistemológico, trazendo as crianças como agentes conhecedores, e o processo civilizador que teria promovido um distanciamento entre os mundos dos adultos e das crianças – deixando-as sem nenhum espaço político ao mesmo tempo em que a infância aparece com um grande poder afetivo.

ABSTRACT: This article has as its premise Norbert Elias' conception of the task of the sociologist – that of comprehending the direction towards which the interactions between people change – focusing on the specificities of the webs in which children are present. I will problematize the reification of the concept of childhood, whose genesis is fundamentally linked to the intensifying of the civilizing process – according to the theories of Elias himself. Then we will reflect on the emotional weight that this group has gained over time.

Introdução

Trago algumas cenas do meu trabalho de campo realizado no PIJ (Programa Infanto-Juvenil) que consiste numa escolinha administrada pelo Sindicato dos Funcionários da Universidade de Brasília (Sinfub), sendo a maior parte das crianças filhos de servidores e professores. Ali, as crianças permanecem no horário complementar ao da escola formal, contando com auxílio nos deveres de casa e participando de brincadeiras e de outras atividades multidisciplinares. Este artigo traz algumas cenas do meu trabalho de campo que foi realizado numa sala de alunos de 6 a 10 anos.

Além das experiências de campo trago também alguns dados de pesquisas recentes sobre mercado de consumo infantil. Procurarei com isto ilustrar uma discussão sociológica sobre o lugar das crianças no contexto atual. Não trataremos das diversas condições culturais em que uma criança pode viver, limitar-nos-emos a um contexto genérico de cidades urbanas, de pessoas nascidas num lar com os cuidados mínimos que uma família pode proporcionar para o bom desenvolvimento das crianças.

O início do trabalho de campo coincidiu com leituras de Norbert Elias. A princípio sua teoria epistemológica muito me interessou para pensar a criança como sujeito. E, empolgada com o assunto, logo encontrei também ricas passagens em que o autor fala sobre a infância e o processo civilizador. Ainda que, por mais que me interessasse por seus argumentos teóricos, eu não conseguisse conciliar com minha experiência de campo, acredito que durante o artigo consegui mostrar teoria e realidade se relacionando. Mas no início não foi fácil enxergar sua perspectiva

diacrônica nas minhas experiências do dia-a-dia, tão sincrônicas.

I - Uma pequena história do conceito infância

Estudiosos da infância sempre se lembram de Philippe Ariès, historiador cujo trabalho foi um dos primeiros a mostrar como ocorreu o surgimento da 'infância' - ou algo parecido com a infância que conhecemos hoje -, quer dizer, como foi se constituindo uma distância entre os cotidianos dos adultos e das crianças. Em *História Social da Infância e da Família* (ARIÈS, 1981), ele demonstra como na Europa do século XV, as crianças começavam a trabalhar bem cedo junto aos adultos, assim que já tivessem condições físicas e um pouco de habilidade.

Além disso, o autor realiza uma grande busca nas imagens de épocas anteriores ao Renascimento, assim como nos diários de família e depara-se com a ausência de crianças, sendo que, nas poucas vezes que apareciam em obras de arte, eram apresentadas como adultos em miniaturas, no corpo, nas expressões e nas vestimentas. Era raríssimo que mandassem fazer retratos de criança, e em geral elas não eram enterradas nos cemitérios, e sim nos quintais de casa – provavelmente, porque não acreditavam que elas tinham alma. Ariès também tenta provar que a negligência com os bebês era comum e suas mortes eram pouco lamentadas, pois eram esperadas e, em certos casos, desejadas.

Hoje existe muita crítica a essa obra, e há até mesmo estudos que discordem que os filhos significassem tão pouco para os pais. Apesar de

algumas dúvidas a respeito das interpretações dos dados recolhidos, esse livro é importante, pois é o início de uma reflexão sobre a economia dos afetos nas relações entre adultos e crianças. Se a relação entre pais e filhos era como Ariès descreveu ou não, o fato é que uma sensibilidade no que tange a infância desenvolveu-se significativamente a partir do século XVII.

Para Elias esse distanciamento começou a ser praticado simultaneamente a um longo processo de mudança de valores e comportamentos, chamado o processo civilizador. Uma fonte comentada por Ariès que Elias analisa mais profundamente (ELIAS, 1994) são os manuais de boas maneiras. Estes manuais do século XVI eram destinados oficialmente às crianças da nobreza cortesã para aprenderem como se comportar em sociedade. Segundo Elias (1994), as restrições dos gestos pelas regras de etiquetas foram moldando as estruturas emocionais, instaurando o sentimento moderno de vergonha. Com isso, muitos dos assuntos que antes apareciam com muita espontaneidade – relacionados à sexualidade, aos palavrões e às funções corporais em geral – passaram a se limitar à esfera íntima pessoal. Alguns assuntos viraram tabus, e o que antes era tratado como assunto cotidiano, estando ao alcance das crianças, passou a ser segredo e desaconselhável de se tratar na frente delas.

"Desde cedo as crianças são treinadas nesse isolamento dos demais, com todos os hábitos e experiências que isso traz. Só se lembrarmos como parecia natural na Idade Média que estranhos, crianças e adultos compartilhassem a mesma cama é que poderemos compreender que mudanças nos relacionamentos interpessoais se manifestam em nossa maneira de viver. E reconhecer como está longe de axiomático que a cama e o corpo devam formar essas zonas de perigo psicológico, como acontece na fase mais recente da civilização". (ELIAS, 1994).

Para Ariès (1981) esse novo costume chegou à burguesia no século XVII, que instaurou uma maior atenção nos fenômenos biológicos do corpo humano. E segundo ele foi nesse contexto que "a palavra infância se restringiu a seu sentido moderno. A longa duração da infância, tal como aparecia na língua comum, provinha da indiferença que se sentia então pelos fenômenos propriamente biológicos: ninguém teria a ideia de limitar a infância pela puberdade" (ARIÈS, 1981).

II - O processo civilizador e suas evidências

Segundo Elias (1995) o ocidente criou dois entes chamados 'natureza' e 'cultura', e habituamo-nos com a disjunção entre eles. A natureza seria da ordem de uma racionalidade irrevogável, impessoal e sem intenção, enquanto cultura seria o artificial, o que é aprendido. Para Elias a cultura é o conjunto das figurações das interdependências internas à dinâmica do processo civi-

lizador, as atitudes tradicionais, o próprio código de comportamento. O processo civilizador está próximo do sentido de cultura, pois se trata de algo aprendido, mas é necessariamente de longa duração. Além disso, esse processo não está em oposição à natureza, ao contrário, ele é quem dita o que é 'natural' e o que seria 'cultural'. Para Elias todos os grupos humanos passam por processos civilizadores, constituindo através do tempo suas culturas e naturezas. "Isto permite que as pessoas vivam umas com as outras e consigo mesmas sem estarem constantemente expostas à pressão incontrolável de seus impulsos animais – os seus próprios e os dos outros". (ELIAS, 1995).

Segundo Elias nossos impulsos e emoções são moldados culturalmente, através do processo civilizador. Esse controle é uma herança de nível biológico, psicológico e social que nós incorporamos ao longo da vida. Com essas ideias, entendemos que o que chamamos de consciência nada mais é do que uma forma muito desenvolvida do autocontrole. É interessante notar como as pessoas desde muito cedo possuem essa consciência e os sentimentos já 'civilizados', sabem como devem se comportar e julgam os outros conforme valores que se formaram lá na sociedade de corte.

"O padrão que está emergindo em nossa fase de civilização caracteriza-se por uma profunda discrepância entre o comportamento dos chamados 'adultos' e das crianças. Estas têm no espaço de alguns anos que atingir o nível avançado de vergonha e nojo que demorou séculos para se desenvolver. A vida instintiva delas tem que ser rapidamente submetida ao controle rigoroso e modelagem específica que dão à nossa sociedade seu caráter e que se formou na lentidão dos séculos. Nisto os pais são apenas os instrumentos, amiúde inadequados, os agentes primários do condicionamento. Através deles e de milhares de outros instrumentos, é sempre a sociedade como um todo, todo o conjunto de seres humanos, que exerce pressão sobre a nova geração, levando-a mais perfeitamente, ou menos, para seus fins". (ELIAS, 1994).

No que observei nos meus dois meses de campo com as crianças, tudo que revelasse uma falta de higiene ou indicasse falta de bons modos era criticado pelas próprias. Paulo, por exemplo, era taxado pelas meninas de nojento, pois havia uma história de que ele urinava nas calças. Gabriela e Lurdes comentavam isso frequentemente. Sei que houve uma vez em que isso aconteceu, pois em certa ocasião ele defendeu-se, dizendo: "eu nunca mais fiz isso". Já Bárbara era acusada de querer aparecer, falar demais, falar errado e não 'bater bem da cabeça'. A professora, que precisa exigir um mínimo de bons modos dentro da sala e evitar os conflitos, possui um papel que muitas vezes legitima a classificação das crianças - quando reclama, por exemplo, que alguém fala demais, ou manda alguém parar de gritar, para "parar quieto". As crianças não estão divididas entre as que são classificadas e as que classificam. Todas classificam.

Apesar da interessante relação das classificações infantis e os valores da sociedade, as crianças muitas vezes agem contra esses valores. Elas não têm todos os "bons modos" incorporados. Como Elias (1994) diz, o processo civilizador não é apenas histórico, é também individual¹ e um processo não acontece de uma só vez. Esse tempo necessário para a criança aprender todas as regras, desenvolver o que a psicologia chama de um superego, é algo que marca profundamente a diferença dos adultos e crianças.

Na sala não há um segundo de silêncio, as crianças sempre fazem comentários sobre seus desenhos e os dos outros, contam histórias sobre suas vidas e todos retrucam e discutem. As relações são sempre tensas. Mas apesar disso já existe um "controle das emoções", como diria Elias. Nunca presenciei, por exemplo, situações em que alguém tenha saído chorando, ainda que uma vez tenha presenciado algo que pode ser chamado de briga. Mas em geral as relações são quase diplomáticas:

Bruna chegou, e Gabriela disse um "oi, Bruna" muito provocativo. Bruna respondeu no mesmo tom. Perguntei se elas haviam brigado. "Claro", respondeu. Perguntei por que, e ela disse: "sei lá, não lembro". Perguntei se ela gostava de todo mundo do PIJ, ela disse que não gostava de tia Kamila, porque ela briga e bate nela. "Ela te bate?" "Bateu uma vez, quando você não tá" (nunca presenciei alguma atitude violenta da professora). Perguntei se ela gostava do Paulo, respondeu que não, porque ele é nojentto. Perguntei se ela já o tinha visto fazer xixi nas calças ou se ela tinha ouvido a Lurdes dizer. Ela disse que já tinha visto. Brincamos mais um pouco. Eu inventei de fazer cócegas nela, mas isso "não valia", e ela saiu correndo para falar com um homem que estava saindo pelo portão. Disse-me que era um amigo da mãe dela, que trabalhava com a mãe dela. Passamos por uma rodinha com a tia e seus alunos. Gabriela disse "essa é outra tia", e por trás fechou os olhos da tia, para que ela adivinhasse quem era. Divertia-se passeando pelo PIJ. Voltei a perguntar por que ela não gostava do Paulo. "Eu já respondi, é porque ele é muito nojentto, igual a um sapo 'melequento'". Perguntei se ele não era legal com ela, e ela respondeu que não. Brincamos mais um pouco, e ela disse que era pra entrar senão a tia Kamila ia brigar.

III - Sujeitos de conhecimento e a sociologia da infância.

Elias (1980) traz uma proposta de sujeito epistemológico que contribui para o nosso objetivo de legitimar a criança como objeto de estudo por dois motivos: primeiro por reconhecer o espaço que as crianças ocupam nas redes de inter-relações nos grupos, e segundo por colocar as crianças como agentes conhecedores.

Explicando melhor: Seu sujeito epistemológico, Homines aperti, ou homens abertos, traz o sujeito dotado de muitas valências que o ligam aos outros e à rede. Por consequência, todas as pessoas possuem poder sobre as outras, a categoria de agentes sociais é aplicada a todos

os humanos. Indivíduo e sociedade não existiriam, seriam apenas duas formas de ver a mesma coisa: sujeitos interdependentes. Sem a ideia dual de algo interno e natural ao indivíduo e algo externo e cultural, a criança não é mais vista como uma pessoa incompleta, que ainda não faz parte da cultura.

Considerando essa ideia de interdependência, toda mudança ou toda ação desencadearia uma nova configuração da rede. Os humanos estão numa rede social em que todas as experiências interpenetram-se e assim modificam o que está estabelecido, ou o reconfiguram "de modos específicos, ao longo do processo contínuo de desenvolvimento humano" (ELIAS, 1997). Assim as pessoas estão sempre tendo que entender e apreender uma nova realidade, uma nova configuração. Esse processo de conhecimento nunca cessa e nunca acontece isoladamente. O sujeito não é apenas produtor do seu próprio conhecimento, é também parte do conhecimento do outro.

Assim a diferença do status de conhecimento declarada entre 'adultos' e 'crianças' diminui, pois para ele homem está sempre num processo de conhecimento. Podemos fazer um paralelo aqui com Gregory Bateson (1972) que possivelmente influenciou a teoria eliasiana: para ele aprendizagem e evolução são dois processos vitais acionados pela troca de informações com o ambiente e por isso são permanentes, só param quando morremos.

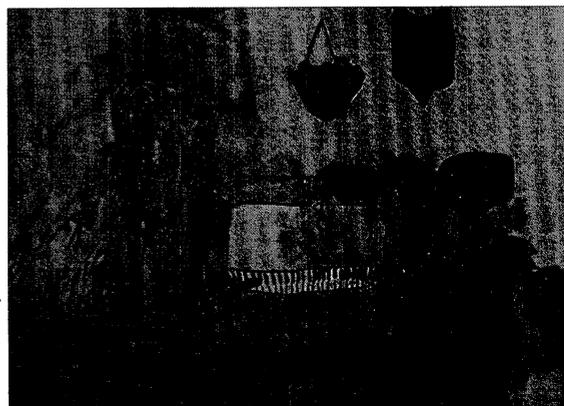
O que Elias considera aprendizagem e mostramos como o processo civilizador não é uma espécie de estrutura externa que molda os indivíduos e se reproduz igualmente a cada geração. Para ele o sujeito não é apenas um conhecedor, mas um sujeito do conhecimento do outro. Isso mostra como as crianças, por estarem numa fase mais intensa de aprendizagem, são tão importantes para a direção e a racionalidade que o processo civilizador vai seguir.

IV - O poder do afeto e a configurações da infância nos dias de hoje.

O objetivo nesta parte do artigo é mostrar como a epistemologia eliasiana fornece-nos um método para a abordagem sociológica da trama que as crianças constituem e pelas quais são constituídas.

Segundo Elias (1980), as dificuldades de grande parte da sociologia moderna devem-se,

¹ (...) o processo específico de 'crescimento' psicológico nas sociedades ocidentais, que com tanta frequência ocupa a mente de psicólogos e pedagogos modernos, nada mais é do que o processo civilizador individual a que todos os jovens, como resultado de um processo civilizador operante durante muitos séculos, são automaticamente submetidos desde a mais tenra infância, em maior ou menor grau e com maior ou menor sucesso. (ELIAS, 1994)



por um lado, ao tipo de conceitos usados (originários das ciências físicas) inadequados às circunstâncias especificamente sociais e, por outro, à herança metafísica de modelos estáticos e dicotômicos que impedem uma investigação atenta às redes sociais de interdependências.

Segundo Elias, nas ciências sociais, a dificuldade de extinguir as dicotomias sujeito-objeto/ indivíduo-sociedade persiste devido ao sentido que essas categorias carregam. A própria forma de nossa língua substancializa conceitos gerando uma espécie de armadilha mental para o pensamento sociológico que nos leva a pensar as 'coisas' isoladamente e as relações apenas como oposições. O autor cita como exemplo os pronomes 'eu' e 'nós', que são categorias básicas do entendimento e não deixam um espaço para pensarmos num 'eu' enquanto 'nós'.

Para Elias não existiria o 'eu' nem o 'nós' nem o 'outro'. Esses termos seriam figurações da forma como as relações humanas estão se difundindo. Todos seríamos ligados a diversas redes de interdependência que nos constituem e que são constituídas por nós. Em suma, as dicotomias às quais estamos habituados impedem esse pensamento social como relacional-processual, pleno de interdependências. "Falamos do indivíduo e do seu meio, da criança e da família, do indivíduo e da sociedade ou do sujeito e do objeto, sem termos claramente presente que o indivíduo faz parte do seu ambiente, da família, da sociedade" (ELIAS, 1980).

O legado sociológico de Elias é aplicável em inúmeros casos, pois para ele toda e qualquer relação de interdependência que se estabelece constitui uma relação de poder ou uma figuração da balança/equilíbrio eu - nós. Para usar seus conceitos, valências mútuas não apenas ligam, mas se interpenetram formando figurações e conceitos particulares. Esse conceito de figuração é fundamental para sua proposta metodológica e surge de seus objetivos epistemológicos. "Conceitos como 'família' ou 'escola' referem-se essencialmente a grupos de seres humanos interdependentes, a configurações específicas que as pessoas formam umas com as outras" (ELIAS, 1980).

Assim entendemos que, no esquema teórico-analítico do autor, a relacionalidade é um aspecto central, pois os próprios conceitos - família, escola, indivíduo, sociedade, infância etc. - são sínteses históricas.

Respeitando essa premissa, mostraremos as interdependências que as crianças constituem e pelas quais são constituídas, lembrando que estas são múltiplas (abordaremos o aspecto político,

econômico e familiar). O método sociológico que buscamos aqui é o modelo dos jogos de Norbert Elias (1980) na esfera que compreende a relação de pais e filhos. Segundo o autor, trata-se de um modelo bipolar em que as oportunidades de poder são distribuídas desigualmente, porém isso não quer dizer que ele exista só de um lado:

"Desde que nasce, a criança tem poder sobre os pais, e não só os pais sobre a criança. Pelo menos a criança tem poder sobre eles, desde que estes lhe atribuam qualquer tipo de valor. No caso contrário, perde seu poder. Os pais podem abandonar a criança se ela chorar demasiado. Podem deixá-la morrer de fome e, deliberadamente ou não, causar a sua morte, no caso de esta não desempenhar qualquer função para eles". (ELIAS, 1980).

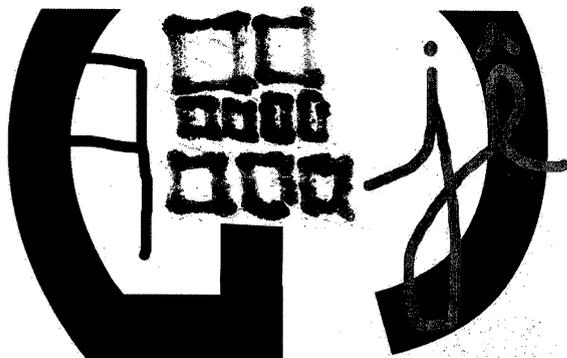
Pensando a relação de poderes entre pais e filhos enquanto o modelo de jogo de Elias, observamos que na configuração atual a diferença de poder entre pais e filhos diminuiu sensivelmente, pois o valor afetivo da categoria 'infância/criança/filhos' ganhou muito poder.

Na verdade deparamo-nos não apenas com uma maximização desses afetos na família, as vidas das crianças tornaram-se uns dos mais altos valores da sociedade contemporânea. Exemplos que provam isso não faltam: existe um índice específico para a mortalidade infantil, existem inúmeros outros que tratam da saúde, alimentação, abandono e educação. Criou-se o Estatuto dos Direitos da Criança e Adolescente, além do Fundo das Nações Unidas para a Infância. Os crimes contra crianças estão entre os mais intoleráveis. Além disso, a preocupação com o futuro do planeta, uma vida saudável para as próximas gerações, é uma questão política global: trata-se da continuação da humanidade, da esperança da humanidade.

Fora do ambiente político também presenciamos a enorme importância das crianças. A moda e toda indústria cultural têm se especializado para atender esse grande grupo de consumidores.

O mercado infantil é um dos que mais cresce no mundo, sendo que a taxa de natalidade mundial só vem diminuindo, e que se trata de um grupo que não possui fonte de renda própria. O aparecimento das crianças como enorme público consumidor pode ser explicado pela forma de afetividade dispensada pelos adultos para com as crianças, nessa configuração específica atual. Desde a Idade Média o valor dos filhos na família cresceu muito, inclusive uma das explicações para a diminuição do número de filhos por casal é o de poder proporcionar maior qualidade de vida a eles.

Segundo a Faculdade de Economia e Administração (FEA) da Universidade de São Paulo, numa pesquisa realizada em 2006, o mercado infantil brasileiro é um dos maiores do mundo, movimenta 50 bilhões por ano e cresce 14% ao ano, o dobro comparado com segmentos adultos. Para se ter uma ideia, o grupo Marisol, dono da grife feminina infantil Lilica Ripilica - líder nesse segmento com 15% participação -, fatura cerca de R\$ 340 milhões por ano. Segundo a Associação Brasileira



da Indústria Têxtil (ABIT), essa cifra representa 85% da receita total dessa empresa. Para citar outros dados, dois estilistas mundialmente renomados, Walter Rodrigues e Alexandre Herchcovitch, já desenvolveram suas coleções para crianças, e a revista Vogue tem a sua própria edição especial Vogue for Kids.

Numa pesquisa realizada pelo Datafolha, sete em cada dez pais entrevistados afirmaram serem influenciados pelos filhos na hora da compra. Os mesmos acreditam que o maior influenciador dos pedidos dos filhos, entre sete itens, são as propagandas (38%), em seguida estão os personagens infantis (18%) e os programas de TV (16%). Para tentar diminuir o impacto do marketing na qualidade de vida das crianças, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) está criando leis específicas para regular a publicidade de alimentos infantis não saudáveis.

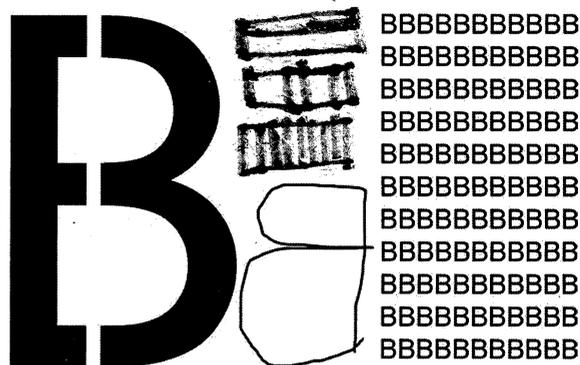
Os resultados dessas pesquisas e as medidas que buscam proteger as crianças do marketing destinado a elas indicam que existe uma crença generalizada de que estas são pessoas mais vulneráveis às estratégias publicitárias que os adultos. Ou que elas não possuem senso crítico para discernir o rótulo da qualidade dos produtos. O Instituto Alana, responsável pelo Projeto Criança e Consumo, busca combater os impactos negativos causados pela mercantilização da infância e juventude, como o "hábito consumista que lhes é praticamente imposto". No site do projeto encontramos a seguinte afirmação:

"As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica [consumista] e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."

Cabe neste artigo procurar outras explicações para esse hábito consumista que surgiu entre as crianças que não seja apenas essa de que as crianças são mais vulneráveis às propagandas que os adultos. O problema é mais complicado, pois vivemos numa sociedade consumista e, mais do que estarem expostas às estratégias de venda, as crianças estão em contato constantemente com o ato de consumir.

Por exemplo, no dia 17 de novembro de 2009, uma terça-feira pela tarde, Eduarda chegou bem atrasada na sala e explicou-se dizendo que estava no shopping. Carregava dois presentes que ganhou da tia, perguntei se eram de aniversário, ela riu dizendo que não, eram presentes de Natal. Quase no fim da aula ela abriu os brinquedos que ela mesma havia escolhido: o primeiro era um conjunto de jóias da marca Barbie de tamanho real, com colar, brincos, anel e coroa, e o outro uma boneca Polly, que vinha com seu gatinho de estimação.

Os anúncios de TV e a tentativa de alguns pais de compensar a falta de tempo que têm para os filhos satisfazendo os pedidos destes não são mais impactantes do que o costume de consumo



que é aprendido dentro das próprias famílias. Ao que me parece temos aqui o problema das crianças enquanto sujeitos: a criança não deve ser incentivada a consumir, pois não é considerada um sujeito atuante pela maior parte da sociedade, ou seja, não é dotado de 'razão' o suficiente para escolher. Mas seu poder afetivo na família é um fator da influência nas compras e, por isso, para o mercado, a criança é, sim, considerada um sujeito atuante do mesmo modo que o adulto.

Verificamos que as crianças foram afastadas do mundo adulto em certa época da história e que hoje existe um mundo específico criado para elas, na área do direito, da saúde, do lazer, etc. Apesar disso, em outras áreas a distância entre adultos e crianças voltou a diminuir. Podemos observar uma tendência de sexualização e adultificação no vestuário, nas novelas infantis e em outros produtos e serviços que tratam as crianças como miniaturas de adultos.

Em campo, ficou clara essa tendência ao consumo e adultificação nos comportamentos das crianças, principalmente meninas. Eduarda, de 6 ou 7 anos, ia ao cabeleireiro fazer hidratação e chapinha, não sei ao certo com que frequência, mas essa não parecia ser uma prática incomum entre as meninas. Gabriela, de 5 anos, também apareceu de chapinha uma vez, mas seu caso foi devido a uma ocasião especial, uma festa a fantasia. Gabriela, ainda que fosse a mais jovem do grupo, era a mais vaidosa, usava sutiã infantil às vezes, batom da Moranguinho, que passava nos lábios a todo o momento, tinha vários pares de sapatos - de salto alto, inclusive. Certa vez gabou-se disso, comparando-se com Carlos, que ia sempre com o mesmo sapato. No último dia que a encontrei, ela brincava como se trabalhasse na frente do computador. Vestia uma blusa com a frase 'solteira carioca'. As tias comentaram sobre sua blusa, a qual ela se orgulhava em exibir, colocando a mão na cintura e repetindo "sou solteira carioca". Ela contou que o tio dela comprou lá no Rio de Janeiro. Então ligou o rádio, queria escutar 'música de amor'. Eu perguntei por que ela queria escutar música de amor se ela era solteira. Antes que ela respondesse, Carlos veio me dizer que ela tinha namorado e já tinha dado um beijo nele, "na boca". Gabriela confirmou e disse que ia levá-lo para eu ver no dia seguinte. "Ele não é do PIJ e chama-se Artur".

As crianças assumem essa posição de miniatura de adultos muito bem. Tornam-se consumidores exigentes, sabem, por exemplo, diferenciar as marcas boas. O argumento das organizações como o Instituto Alana é que elas não sabem consumir de uma maneira saudável. Mas acredito

que as crianças serem aparentemente mais vulneráveis aos vícios da sociedade consumista do que os adultos não se deve apenas ao fato de elas estarem em fase de desenvolvimento psíquico e social. Deve-se também à posição social que elas ocupam: apesar de possuírem senso crítico sobre a realidade, as crianças não são incentivadas a fazer uso dele; ao contrário, suas reflexões são geralmente contadas como anedotas entre os adultos.

No ambiente escolar temos outro aspecto da vida das crianças. Sabemos que a escola é uma instituição que exige certo tipo de comportamento e que existe certo tipo de personalidade que se dá melhor que outras. Os alunos de baixo rendimento escolar não só são estigmatizados, mas podem ter toda a sua vida futura dependente do seu desempenho escolar, como acesso a ensino curso superior, emprego, nível de salário etc.

Todos os seres humanos possuem uma capacidade mental, física e emocional que herdamos no processo evolutivo sócio-biológico. Entretanto, segundo Elias (1994), o modo como essa capacidade desenvolver-se-á e quais aspectos permanecerão latentes em cada um dependerá da sorte das experiências e das circunstâncias oferecidas para satisfação ou repressão dos impulsos.

"A criança que não atinge o nível de controle das emoções exigido pela sociedade é considerada como 'doente', 'anormal', 'criminoso', ou simplesmente 'insuportável', do ponto de vista de uma determinada casta ou classe e, em consequência, excluída da vida da mesma. Na verdade, do ponto de vista psicológico, os termos 'doente', 'anormal', 'criminoso' e 'insuportável' não têm, dentro de certos limites, outro significado. O modo como são compreendidos varia de acordo com os modelos historicamente mutáveis da formação de afetos". (ELIAS, 1994).

Para Elias, o desenvolvimento de certas capacidades quase nunca está ligado a deficiências do equipamento cognitivo, mas sim do contexto e de como o indivíduo vai apreender esse contexto. Cabe aqui um diálogo com Rut Benedict (197-) e seus padrões de cultura, pois o sociólogo também afirma que algumas pessoas serão mais ou menos compreendidas dependendo do modelo de afeto em que ela encontra-se. Desse ponto de vista sociológico, a escola promove muito menos o desenvolvimento pessoal e psíquico das crianças do que a distinção social dos mais disciplinados.

U - Conclusão

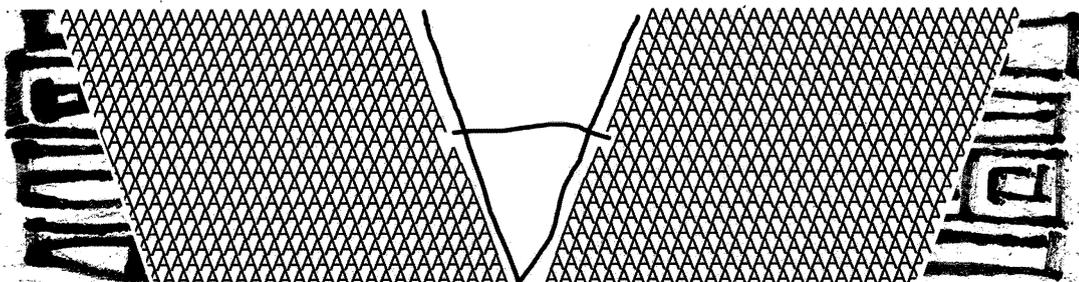
Tentei abordar vários âmbitos da vida em que as crianças aparecem interpenetradas na rede social, de forma a configurá-la seja nas manifestações cotidianas ou nos valores mais caros desta sociedade atual.

Uma coisa que se torna evidente com este trabalho é que, se observarmos distintos aspectos da sociedade, observamos que os espaços destinados para as crianças estão configurados de maneiras bem diferentes. No ambiente político, as crianças têm um espaço destinado a elas, mas não é um espaço de ação e sim de proteção. Em contrapartida, na economia, vemos uma forte participação delas enquanto consumidores. O que parece prevalecer no senso comum, no dia-a-dia da família, nas escolas, na política e na psicologia é a imagem de que as crianças são pessoas em desenvolvimento. Por consequência disso, a criança na nossa sociedade é colocada de lado, não é considerada um membro que tenha responsabilidades e, portanto, um papel na sociedade. Não é que ela não aja socialmente, é que ela não é ouvida, não tem espaço político.

As ciências sociais agiam assim até pouco tempo. O fato de ter despertado do descaso com esse grupo apenas muito recentemente é lamentável. Concluo este artigo propondo uma investigação sociológica sobre a marginalidade social das crianças nesta sociedade.

No espaço que destinamos às crianças, as escolas, elas aprendem a escrever, a contar, a respeitar os mais velhos e os colegas. Mas pouco aprendem sobre a realidade, seja na escola ou com os pais. Comentamos um pouco que alguns assuntos passaram a ser inapropriados de se falar, principalmente na frente das crianças, devido ao constrangimento que alguns temas passaram a causar. Mas existem outros assuntos que também não conversamos com elas muitas vezes por pensarmos que elas não precisam saber ou por não sabermos como lhes explicar. É interessante notar que nós apontamos alguns assuntos como sérios e complicados demais para conversarmos com as crianças. O costume de darmos respostas evasivas às crianças provavelmente diz muita coisa sobre nossa organização social.

Como foi dito aqui anteriormente, as crianças pensam sobre a realidade. Muitas vezes sem a nossa ajuda, elas elaboram explicações que dizemos inocentes, mas que, na verdade, guardam um conhecimento sobre a sociedade que nós adultos desconhecemos. Precisamos reconhecer que "estudar as relações sem estudar as crianças só pode resultar em uma análise inadequada" (TOREN, 1993).



Submetido em abril de 2010
Aprovado em agosto de 2010

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. (1981), História social da criança e da família. 2ª edição, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos.
- BATESON, G. Steps to an ecology of mind. Library of Congress, 1972.
- BENEDICT, Ruth. Padrões de cultura. Lisboa: Livros do Brasil [197-]. 204 p.
- ELIAS, Norbert. (1997), Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (1980), Introdução à sociologia. Braga, Edições 70.
- _____. (1995), Mozart: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (1994), Processo civilizador (o). 2ª edição, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- TOREN, Christina. (1993), "The significance of childhood cognition for a comparative anthropology of mind". Man, New Series, 28, 3: 461-478. Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland.

Sites:

- ALANA. <<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo>> Acessado entre 12/03 e 17/07 de 2010.
- MARKETING INFANTIL. <http://www.marketinginfantil.com.br/> Acessado entre 12/03 e 17/07 de 2010.